

Futebol, Memória e Relações Internacionais

Daniel de Araújo dos Santos, Daniel Henrique Rocha de Sousa, Livia Gonçalves Magalhães e Luiz Antônio Simas.¹

Resumo: O objetivo desta sessão é discutir as pesquisas do grupo de professores do Clio Internacional, abordando o futebol desde as perspectivas memorialísticas, histórica e das relações internacionais. A partir de perspectivas distintas –a relação entre futebol e samba, dos clubes brasileiros na ditadura civil-militar, da economia e das Relações Internacionais- o grupo levanta questões relevantes para pensar a sociedade brasileira e o nosso futebol. Apesar de já ser um ator de destaque desde princípios do século XX, foi principalmente durante a Guerra Fria que o esporte se tornou de fato um elemento de diplomacia pública para os Estados. No caso brasileiro o tema ganhou destaque público com a realização da Copa do Mundo da FIFA de 1950, mas, foi a partir de 2005 que os megaeventos passam a ser de fato parte da Agenda de políticas públicas no Brasil, com o lançamento pelo governo federal do Plano Nacional de Esporte.

I. Introdução:

A escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo FIFA 2014 e da cidade do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de Verão de 2016 trouxeram o país e a região para a agenda global dos chamados megaeventos esportivos. Além disso, esta será a primeira Copa realizada na América do Sul desde 1978, quando a Argentina sediou o evento, e as primeiras Olimpíadas tendo a América do Sul como anfitriã.

Atualmente, os estudos envolvendo esportes e Relações Internacionais ganham cada vez mais força no mundo acadêmico. Procurando contribuir para este campo formou-se um grupo de professores do Clio Internacional para incentivar a pesquisa, o debate e oferecer cursos sobre tais temas. Nosso objetivo é, portanto, realizar pesquisas e também lecionar sobre o tema, incluindo a questão dos esportes, neste caso especificamente o futebol, como marco dos debates das Relações Internacionais no mundo e sua relação com a memória histórica brasileira. Portanto, esta sessão procura discutir o papel do futebol no mundo contemporâneo a partir de suas relações com as instâncias políticas, sociais e econômicas.

¹Daniel Araújo - Professor do Clio Internacional e Mestre em História Política e Bens Sociais pelo CPDOC/FGV; Daniel Sousa - Mestre em Economia pela UERJ, Professor de Economia do Curso Clio e Professor dos Cursos de Pós-Graduação do Clio Internacional; Livia Magalhães - Doutora em História Social UFF e Pós Doutoranda UNIMONTES; Luiz Antonio Simas - Mestre em História Social pelo IFCS/UFRRJ e pesquisador das culturas da diáspora africana no Rio de Janeiro, tendo publicado 4 livros sobre o tema.

O grupo é formado por profissionais de distintas áreas acadêmicas –História, Economia e Antropologia-, o que permite um debate ainda mais amplo e diversificado. Cada membro trabalha de forma individual, mas as aulas são conectadas e discutimos os temas em reuniões de trabalho. Nesta instância, debateremos os trabalhos do projeto “Futebol e Relações Internacionais”, que tornou-se um curso de extensão no Clio Internacional e posteriormente será lançado como curso online. São utilizadas fontes diversas de pesquisa, nacionais e internacionais, como entrevistas, documentários e imagens. As atividades do grupo mostram como este tipo de troca interdisciplinar enriquece a pesquisa e o debate.

As pesquisas realizadas pelos quatro integrantes se inserem em dois eixos centrais: história e memória do futebol brasileiro e o contexto contemporâneo do futebol nas relações internacionais. Assim, a equipe cobre distintos objetos e abordagens sobre o esporte mais popular do planeta. Considerando o primeiro ponto, os trabalhos dos professores Luiz Antonio Simas e Daniel de Araújo dos Santos discutem a associação entre futebol e escolas de samba e os clubes de futebol brasileiro durante a última ditadura civil-militar, respectivamente. Já os trabalhos de Daniel Henrique Rocha Sousa e Lívia Gonçalves Magalhães tratam de um debate atual: a inserção econômica do futebol no neoliberalismo e a questão política relacionado aos megaeventos esportivos e as Relações Internacionais

Esta comunicação está dividida de acordo com o trabalho de cada um destes pesquisadores, e a proposta principal é estimular o debate entre os mesmos. Assim, nesta instância, serão apresentadas as ideias que cada um destes especialistas levará para a sessão coordenada, propondo para o público participante questões que permeiam os encontros e discussões internas da equipe de trabalho.

II. O futebol deu samba

Introduzido no Brasil no final do século XIX por imigrantes britânicos e brasileiros que passaram temporadas na Europa, o futebol foi, a princípio, um esporte elitista que rapidamente ganhou ares populares (MAGALHÃES, 2010). A partir década de 1930, com a implantação gradual do profissionalismo, em um processo repleto de tensões que envolveram dentre outras coisas a discussão sobre a questão racial brasileira, a presença de pretos e mulatos como empregados nos clubes da elite burguesa mostrou-se cada vez mais frequente.

Paralelamente ao processo de profissionalização nos clubes, o futebol amador praticado nos campos de várzea e nas praias do Rio de Janeiro consolidou-se como um elemento importante de integração comunitária das camadas populares urbanas. Neste processo, podemos constatar que a relação entre o futebol e o samba se estreitou, a ponto de algumas escolas de samba terem se originado de times amadores.

O Independente Futebol Clube, por exemplo, era na década de 1950 um dos principais times de futebol de várzea da Zona Oeste. Em 1955, alguns jogadores e torcedores do time resolveram criar um bloco para brincar no carnaval. A ideia foi adiante e o time da várzea deu origem a uma das escolas de samba mais populares do Rio de Janeiro, a Mocidade Independente de Padre Miguel. Na mesma década de 1950, alguns jovens moradores da Vila Ganhy, em Botafogo, fundaram um bloco carnavalesco na Rua São Clemente e passaram a desfilar na região trajando as cores azul e branca. Os componentes do bloco tinham um time de futebol de praia. Em 1953, os jovens do bloco ganharam de presente de um político local um jogo de camisas com as cores do Peñarol do Uruguai para as disputas dos torneios praianos. A partir daí o bloco, que em 1961 virou a escola de samba São Clemente, adotou o amarelo e o preto do Peñarol como as cores oficiais que mantém até hoje. O GRES União da Ilha do Governador também foi resultado de um time de futebol. Na terça-feira gorda do carnaval de 1953, alguns amigos que participavam do time do União Futebol Clube resolveram criar uma escola de samba para, a princípio, desfilar no bairro insulano. A Unidos de Vila Isabel, campeã do carnaval carioca de 2013, é outra agremiação que foi dos campos para as avenidas de desfiles, tendo surgido a partir de um bloco criado pelo Vila Isabel Futebol Clube, time de várzea que usava uniforme azul e branco; cores que foram adotadas pela escola de samba. Do outro lado da Baía da Guanabara, temos como casos mais notórios o da Unidos do Porto da Pedra, escola de samba que se originou do Porto da Pedra Futebol Clube, time de várzea de São Gonçalo, e da Unidos do Viradouro, agremiação surgida em Niterói a partir da iniciativa dos jogadores do União, time composto por moradores do Morro da Garganta que costumavam se reunir em um bar próximo ao bairro de Santa Rosa. O futebol foi também enredo de algumas escolas. Em 1986, a Beija-Flor desfilou com o enredo “O Mundo é uma bola”. Em 1995, a Estácio de Sá homenageou o centenário do Clube de Regatas do Flamengo. Em 1998, foi a vez da Unidos da Tijuca cantar o centenário do Vasco da Gama. Em 2004, a Unidos da Ponte homenageou o América Futebol Clube. Jogadores de futebol também viraram enredo, como, por exemplo, Nilton Santos (Vila Isabel, 2002) e Ronaldo Fenômeno (Tradição, 2003) (MUSSA e SIMAS, 2010).

Considerando que o samba e o futebol no Brasil se articularam ao processo de formação da identidade nacional, sobretudo a partir da década de 1930, quando a Era Vargas (1930/1945) busca redefinir o discurso sobre a mestiçagem como fundamento da ideia de nação, essa relação entre o futebol e as escolas de samba ganha contornos mais significativos e se articula aos processos de inserção e legitimação dos negros na sociedade brasileira (MAXIMO, 1999).

Há que se destacar também que tanto no futebol quanto nas escolas de samba estabeleceu-se um papel mediador do Estado como o elemento disciplinador de manifestações populares. Por tudo isso, destacar a tão pouco mencionada presença do futebol na gênese de importantes agremiações carnavalescas se reveste de significados profundos que demandam reflexões e sugerem questões pertinentes para a compreensão das dimensões sociais deste esporte no Brasil.

Tanto o futebol como o samba são importantes elementos da nacionalidade brasileira. Entretanto, são também parte de distintas memórias sociais, assim como objeto de interesse de regimes ao longo dos séculos XX e XXI, que procuraram se associar a tais elementos tanto na construção como na legitimação de uma ideia de país e de nação. Memória, samba e futebol se fundem ao longo da história brasileira, mostrando um espaço de conflitos e disputas sociais que muitas vezes foram oprimidos por uma imagem legitimizada de nossa nação.

III. Futebol em tempos de ditadura civil-militar

Ao longo dos 21 anos de ditadura –iniciada com o Golpe em 1964 e estendida até a posse de José Sarney em 1985- o Brasil viveu diversas expressões na relação entre Estado e futebol. Apesar do maior destaque ser tradicionalmente dado à seleção nacional masculina, especialmente à vitória na Copa de 1970 no México, o objetivo da pesquisa aqui apresentada é o papel dos clubes de futebol neste contexto, mais especificamente a partir de 1971, com a criação do Campeonato Brasileiro pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD).

A criação de um campeonato nacional ocorreu em 1971, durante o período do “Milagre Econômico” do presidente Emílio Garrastazu Médici, em um período em que frequentemente associou-se o futebol à propaganda oficial feita pela Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP). Em 1974, João Havelange, então presidente da FIFA, deixa o cargo na Confederação Brasileira de Desportos (CBD), abrindo espaço para que o ex-líder regional da ARENA, o

almirante Heleno Nunes, controlasse a entidade. A partir de então, o principal órgão desportivo estava definitivamente sob o controle dos militares.

Sendo o Brasil um país com dimensões continentais, o campeonato com apenas vinte clubes deixou um considerável número de insatisfeitos, dentre estes, importantes políticos ligados aos dois partidos da época. Já em 1971, com apoio do governador de Goiás, criou – se um campeonato paralelo, composto por aqueles que foram excluídos do Nacional. Tal descontentamento, encabeçado por lideranças políticas importantes da ARENA, não seria bem visto pelos arquitetos do projeto de “integração nacional”. Campeonatos paralelos ou a simples exclusão de regiões inteiras iam na contramão do discurso oficial e, na visão governista, isso deveria ser resolvido.

Apesar de alterações que ocorreram nos primeiros anos, as grandes mudanças coincidem com a eleição de Nunes para a presidência da CBD. Se um clube poderia aumentar o capital político de um dirigente, o controle da entidade máxima do esporte nacional seria objeto de valor para o partido do governo naqueles tempos de mudanças, anunciadas pelas eleições de 1974. O projeto Geisel – Golbery busca o controle da CBD, utilizando-se, inclusive, de agentes do sistema de informações para pressionar João Havelange, então presidente da FIFA, a retirar-se da chefia da entidade (SARMENTO, 2006).

O autoritarismo de Nunes à frente da Confederação tem respaldo no legislativo nacional, uma vez que este aprova a Lei 6.251 (8 de outubro de 1975), a qual fortalecia o CND e a CBD, restringindo a participação dos grandes clubes na gestão das entidades. Tal consequência se deve ao fato de que o voto unitário ampliou o poder dos clubes pequenos nas federações e, no contexto da CBD, federações antes de menor importância ganham destaque. Como muitos destes eram políticos e com bases eleitorais nos redutos do interior do país, o novo presidente da CBD tem apoio para elaborar seus planos políticos – eleitoreiros.

As transformações na política desportiva brasileira durante o ano de 1976 alcançam também o Nacional. Foram criadas doze novas vagas, (crescimento de mais de 30%) totalizando cinquenta e dois o número de times participantes, divididos em seis chaves com nove participantes cada e gerando quatrocentos e onze jogos entre os dias 29 de agosto e 12 de dezembro (SANTOS, 2012). Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande Do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo ganharam mais um participante cada um.

A proximidade com os políticos da ARENA, que ainda possuía em seu diretório regional o presidente da CBD, era um dos fatores decisivos para a escolha de um time. Foi deste critério que o presidente da Ponte Preta - Lauro de Moraes Filho – utilizou-se para a inclusão de seu time, por exemplo. Na Bahia, o time de Alagoinhas - que obteve um ótimo desempenho no campeonato regional - não participou do Nacional, e em seu lugar o Fluminense de uma cidade maior (Feira de Santana) foi o “eleito” pelo almirante - político - dirigente.

Das trinta e uma cidades contempladas com clubes no campeonato, vinte eram capitais estaduais e as demais, sedes de clubes convidados pela CBD. Este quadro levava a quase quinhentas viagens aéreas em um contexto de alta no preço do barril de petróleo – episódio que gerou, inclusive, a proibição das corridas automobilísticas pelo governo sob o pretexto de economizar combustível(SANTOS, 2012). Foi neste contexto que o bordão “Onde a ARENA vai mal, um clube no Nacional” ganhou força nos bastidores esportivos e políticos.

O Campeonato Brasileiro chegou ao número de noventa e seis times em 1979, primeiro ano do governo do presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo. Neste contexto, o São Paulo e o Santos recusaram-se a participar do campeonato, e os doze principais times de São Paulo e Rio de Janeiro somente entraram na segunda fase do torneio, o primeiro administrado pela Confederação Brasileira de Futebol (a CBF, criada uma semana depois do início do Nacional). O Internacional de Porto Alegre, invicto, seria o campeão (o primeiro clube a ser três vezes campeão nacional) realizando apenas vinte e três partidas.

No mesmo ano, a CBD desaparece e o principal órgão gestor do futebol brasileiro a partir de setembro de 1979 passa a ser a CBF, e o Almirante Heleno Nunes deixa de ser o mandatário máximo do futebol brasileiro. Neste novo contexto, o fortalecimento dos pequenos times do interior perdem seu sentido. Era o fim melancólico do projeto político e desportivo organizado pelo almirante-dirigente que comandara os rumos do desporto nacional por quase cinco anos.

IV. Futebol e Economia

É crescente a influência de questões econômicas no Futebol. É sintomática a transformação do esporte cada vez mais em negócio com a comercialização de serviços, produtos e marcas associadas ao esporte ou a utilização de teorias ou técnicas econômicas modernas para explicar tendências e corretas estratégias na gestão de clubes e confederações.

Em relação à transformação do futebol em negócio, observa-se que faturamento dos Clubes do Brasil nos últimos 5 anos cresceu 79% a uma média anual 12,3%. O Faturamento estimado dos 40 maiores clubes de futebol do país já gira em torno R\$ 2,5 bilhões ou 0,06 % do PIB. É impossível desprezar taxas de crescimento tão expressivas, e é natural que isso desperte cada vez mais o interesse de investidores nacionais e estrangeiros. Apesar do forte crescimento, ainda há bastante espaço para mais expansão, uma vez que o Brasil tem o 7º PIB do planeta e o 13º em público nos estádios.

As teorias liberais do comércio internacional (Smith, Ricardo e Hecksher-Ohlin) advogam que o livre comércio aumenta a competição e a eficiência das empresas, fazendo com que as mesmas passem a produzir bens e serviços melhores e cada vez mais competitivos. Trazendo tal racionalidade para o futebol, pode-se defender que a melhoria do desempenho da seleção espanhola de futebol nos últimos anos estaria diretamente relacionada ao massivo ingresso de jogadores estrangeiros na liga local, fazendo com que os atletas espanhóis se acostumassem com uma forte concorrência para obter espaço nos clubes. A concorrência teria sido fundamental para que o país, sem expressivas vitórias anteriores no cenário internacional, passa-se a ser um dos favoritos em todas as competições que participa.

A teoria Cepalina do comércio internacional (também conhecida como crítica de Prebish) advoga que o livre comércio ao tratar de forma igual os desiguais seria destrutiva para a estrutura produtiva local, causando transferência de renda dos países menos industrializados para os mais industrializados. Trazendo tal racionalidade para o futebol, pode-se defender que a invasão de jogadores estrangeiros na liga inglesa de futebol seria responsável pela queda de desempenho da seleção nacional de futebol nos últimos anos. Sem espaço nos clubes locais, os jovens jogadores não teriam a oportunidade de desenvolver suas potencialidades e formar uma massa de atletas capaz de compor a seleção. A excessiva concorrência teria sido fundamental para que o país, criador do futebol e campeão do mundo, passa-se a ser um azarão todas as competições que participa.

É bem verdade, que ambas as linhas de argumentação são passíveis de contra-argumentos. Contrariando a teoria liberal, pode-se defender que o massivo investimento em infraestrutura e o aumento no número de clubes de bom nível teria ampliado o espaço para o desenvolvimento dos jogadores espanhóis e, esses sim teriam sido os fatores fundamentais para o desenvolvimento da seleção espanhola. Já contrariando a teoria Cepalina, pode-se argumentar que a decadência inglesa seria inevitável em função do surgimento de novos centros

concorrentes e que a queda de desempenho do *english team* teria sido mitigada pela concorrência a qual foram sujeitados os jogadores daquele país. Sem tal concorrência, o time inglês poderia ter experimentado a queda de rendimento de países menos globalizados no futebol como Escócia e Irlanda.

As oportunidades de novos negócios no âmbito do futebol não param de crescer. Jogadores têm se tornado grifes como CR7, R10 e R9, tornando suas imagens independentes dos clubes que defendem. Marcas de material esportivo disputam os melhores jogadores para que os mesmo circulem com seu logo em calçados e vestuário. Nacionalidades tornam-se marcas que podem fazer um jogador mais caro simplesmente porque nasceu em um país específico. Jogos eletrônicos pagam direitos de imagens a milhares de jogadores que tem seus rostos estampados nos televisores de milhões de jogadores. Estádios tornam-se arenas, que distanciam pobres e ricos que antes se abraçavam nas arquibancadas. É claro, que a intensificação desse processo de mercantilização do futebol pode o distanciar do lúdico e do amor do torcedor, elementos que o tornaram o esporte mais popular do planeta.

As cifras movimentadas pelo futebol são exorbitantes, mas a gestão amadora. No Brasil em particular, os clubes não oferecem transparência em relação a informações financeiras ou sustentabilidade econômica dessas instituições. O cenário se torna ainda mais delicado quando consideramos o envolvimento de recursos públicos, dívidas trabalhistas milionárias e desvios de recursos. Faz-se necessário algum tipo de profissionalização para que a amadora gestão do futebol brasileiro não o torne insustentável em futuro não muito distante.

A crescente influência da Economia parece inevitável. Se por um lado, abrem-se novas oportunidades de negócios, geração de empregos e renda, por outro lado cria-se o risco de distanciamento do torcedor, que ao sentir-se um cliente começa a fazer exigências e ter expectativas díspares da essência do esporte e do amor por um clube.

II. Futebol, megaeventos e Relações Internacionais

Os esportes tornaram-se um importante elemento de diplomacia pública, por sua universalidade e sua linguagem comum e simples. Ao longo do século XX, o esporte tornou-se um meio de estimular as Relações Internacionais pacíficas entre os países. Como destaca Douglas Wanderley de Vasconcellos, no período entre guerras (1919-1938), as competições esportivas internacionais, principalmente as Copas do Mundo da FIFA e os Jogos Olímpicos,

consolidaram-se como um espaço de disputas fora dos enfrentamentos bélicos (VASCONCELLOS, 2011). Em um contexto de tensões que levaram ao caos da Primeira Guerra –e que, posteriormente, mergulhariam o mundo novamente em um conflito de proporções internacionais- a opção pelas competições esportivas como espaço de disputas entre os Estados Nações se fortalecia como viés diplomático. E o futebol, esporte mais popular do mundo e principal patrimônio brasileiro neste campo, tornou-se uma referência neste sentido:

No início do século XX, com a propagação de entidades futebolísticas em todo o mundo e a realização de disputas internacionais entre as seleções, o futebol foi percebido por seus dirigentes e por políticos como uma forma de impulsionar relações diplomáticas. Durante a Primeira Guerra Mundial, foi uma prática comum entre França e Inglaterra; no pré Segunda Guerra, a Itália de Mussolini e a Alemanha de Hitler viram nas disputas internacionais um meio de romper com o isolamento internacional realizado por alguns países ocidentais (França e Inglaterra, principalmente). Importante destacar que Brasil e Argentina também tiveram atuações neste sentido. (MAGALHÃES, 2013)

Os esportes são também um importante elemento de ação da Organização das Nações (ONU) Unidas. Por exemplo, diversos Embaixadores da Boa Vontade da ONU são esportistas: os brasileiros e futebolistas Marta, Ronaldinho Gaúcho e Ronaldo Nazário; a tenista Maria Sharapova e o futebolista Didier Drogba. Entre ações de Estados, podemos destacar o exemplo dos Estados Unidos, que possui o Programa *Sports and Diplomacy*, no Bureau of Educational and Cultural Affairs, parte do Departamento de Estado. Chama a atenção também que a FIFA possui mais países membros que a ONU, como destacou em 2006 o então Secretário Geral Kofi Annan:

Você pode estar se perguntando por que o Secretário-Geral das Nações Unidas está escrevendo sobre futebol. Mas a Copa do Mundo faz com que nós, nas Nações Unidas, morramos de inveja. Como o único jogo realmente global, praticado em todos os países, por todas as raças e religiões, é um dos poucos fenômenos tão universais quanto as Nações Unidas. Podemos até dizer que é ainda mais universal. A FFA tem 207 membros. Nós temos 191.²

Atualmente, alguns momentos são importantes para o Itamaraty em relação ao esporte e os megaeventos. Primeiro, a decisão em 2003 de tornar o Ministério do Esporte uma pasta independente, seguida dois anos depois, em 2005, pelo lançamento do governo federal brasileiro de sua política nacional do esporte. O esporte consolidava-se, então, como elemento de destaque na política pública brasileira.

A Diplomacia do Esporte brasileira possui hoje dois atores principais: o Ministério de Relações Exteriores, através da Cooperação Esportiva é responsabilidade da Coordenação Geral

²Publicado dia 12/06/2006 no Editorial do Jornal *The New York Times*, http://www.nytimes.com/2006/06/09/opinion/09iht-edannan.1940224.html?_r=0.

de Intercâmbio e Cooperação Esportiva (CGCE), que pertence à Subsecretaria-Geral de Cooperação, Cultura e de Promoção Comercial do Ministério das Relações Exteriores; e o Ministério do Esporte, através de sua Assessoria Internacional.

A Coordenação-Geral de Intercâmbio e Cooperação Esportiva – CGCE – foi criada em janeiro de 2008, refletindo a necessidade de uma área dentro do Itamaraty que tratasse especificamente do esporte. De fato, a CGCE surge da confluência de três fatores: a indústria global que vem se formando em torno do esporte; a experiência bem sucedida do esporte como política pública para inclusão social e educação; e servir como instrumento de política externa.

Outras questões são importantes para a CGCE, tais como: negociação de cooperação esportiva com países parceiros, atuação nos megaeventos esportivos, junto a organismos internacionais – no que se inclui, por exemplo, acompanhar, instruir e supervisionar a posição oficial brasileira em reuniões como conferências e foros globais, interlocução – diálogo com diversas instâncias governamentais ou não, além da negociação de aspectos externos de políticas públicas relacionadas ao esporte e sua utilização para desenvolvimento -, e ações pontuais – com promoção de cursos no Brasil para capacitação de profissionais de países parceiros, intermediar doações de material esportivo, entre muitas outras.³

De fato, o MRE assumiu papel fundamental na construção de uma diplomacia esportiva para o país. Em 2008, com a criação da citada CGCE, que pertence à Subsecretaria-Geral de Cooperação, Cultura e de Promoção Comercial do respectivo Ministério, assumiu-se oficialmente a ideia do esporte como *soft power*.

V. Considerações finais

Em diversas partes do mundo, o final do século XIX e as primeiras décadas do XX marcaram a difusão e a popularização do futebol. O fenômeno ocorreu de forma parecida nos países industrializados e em via de industrialização, europeus e latino-americanos. (NEGREIROS, 1997). Mesmo com as tentativas de manter o futebol exclusivo das elites, a popularização e consequente massificação foram inevitáveis. Os torcedores passaram a frequentar os jogos, pagando pelo ingresso, e gerando renda para os clubes. A facilidade da prática do esporte –quase qualquer objeto pode ser utilizado como bola, e o campo de jogo tampouco precisa de muita elaboração- fez com que o futebol se difundisse mesmo sem a inserção das massas nos primeiros

³ “Coordenação-Geral de Intercâmbio e Cooperação Esportiva CGCE” IN Ministério das Relações Exteriores, disponível em <http://www.itamaraty.gov.br/o-ministerio/conheca-o-ministerio/organograma/coordenacao-geral-de-intercambio-e-cooperacao-esportiva-cgce/> acessado em 14/04/2013.

clubes. E foi o crescimento como espaço de sociabilidade que o transformou também em um espaço de interesses políticos e econômicos.

Assim, o futebol destacou-se em todo o mundo, consolidando-se ao longo do século XX como o esporte mais popular do planeta. Através dos clubes, das seleções nacionais e dos jogadores (que tornam-se símbolo e ídolos), o futebol marcou a história contemporânea como espaço de disputas e manifestações nacionalistas, e os casos de maior destaque são o uso político feito por Estados autoritários, como a Itália fascista nos anos de 1930 ou as ditaduras latino-americanas na década de 1970. Porém, ao mesmo tempo, ele também foi ferramenta diplomática e um meio de manifestações sociais de diferentes formas, desde a procura pela inclusão social –exemplo da inserção do negro no futebol brasileiro– como a crítica a regimes autoritários –caso das comemorações uruguaias na conquista do *Mundialito* em 1981.

De fato, nas nações modernas que se formaram entre os séculos XVIII e XX, esporte e política sempre *jogaram* juntos. As disputas entre nações, em distintas categorias e em eventos como as Olimpíadas e as Copas do Mundo, surgem no contexto de estimular as relações internacionais pacíficas entre os países (VASCONCELLOS, 2011).

Neste primeiro ano de trabalho, este grupo de pesquisa e debate ministrou o mini curso de extensão “Futebol e Relações Internacionais”, que em maio de 2014 também foi oferecido na modalidade online para interessados de todo o Brasil e do mundo. Esta experiência permitiu colocar em prática tanto os pontos e trabalhos individuais como as discussões coletivas, através de uma aula debate com os quatro professores envolvidos. Como destacado, o objetivo é reforçar o caráter interdisciplinar dos professores e pesquisadores envolvidos, ultrapassando os limites acadêmicos de cada área ao trabalhar o futebol e suas múltiplas relações com a sociedade.

VI. Bibliografia

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer – futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ALVITO, Marcos. “A parte que te cabe neste latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização”. In Revista *Análise Social*, Lisboa. v.41, n. 179, 2006.

CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial – memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1990.

GASTALDO, Edson L. e GUEDES, Simoni. L. “De pátrias e de chuteiras”. In Gastaldo, Edison Luis e Guedes, Simoni Lahud (org.) *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006, pp. 7-12.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol – dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

- GOFF, Jacques Le. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- HUYSSSEN, Andre. *Resistência à memória: usos e abusos do esquecimento público*. Porto Alegre: 2004.
- MAGALHÃES, L. *Histórias do futebol*. SP: Arquivo Público do Estado, 2010.
- _____. “Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina”. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em História, UFF, Niterói, 2013.
- MASCARENHAS, Gilmar. “Globalização e espetáculo: o Brasil dos megaeventos esportivos”. In DEL PRIORI, Mary e MELO, Victor Andrade de. *História do Esporte no Brasil. Do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, pp 505-533.
- MAXIMO, J. “Memória do Futebol Brasileiro”. Revista Estudos Avançados – Dossiê Memória. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. São Paulo, v. 13, n. 37, p.179-118, set./dez, 1999.
- MOURA, Gisella de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- MUSSA, Alberto e SIMAS, Luiz Antonio. *Samba de enredo: história e arte*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010.
- NEGREIROS, Plínio. J. L. de C. “Construindo a nação: futebol nos anos trinta e quarenta”. In: *Motus Corporis*. Rio de Janeiro : Universidade Gama Filho. Vol. 1, 1997.
- OLIVER, Iata. “Megaeventos esportivos e relações internacionais como estratégia de atração turística” In Observatório de Inovação do Turismo. *Revista Acadêmica*, Vol. VII, número 1. Rio de Janeiro: ABR, 2012.
- RODRIGUES, Nelson. *A Pátria em Chuteiras*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- SAMPAIO, Cae. “Copa do Mundo e Jogos Olímpicos no Brasil: A Construção de Vitórias Fora do Campo. Oportunidades e Desafios para a Afirmação Internacional do País”. Tese apresentada ao Curso de Altos Estudos, Instituto Rio Branco, Ministério das Relações Exteriores 2012.
- SANTOS, Daniel de Araújo dos. “Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol”. Dissertação de Mestrado em História, Política e Bens Culturais - CPDOC, Rio de Janeiro, FGV, 2012.
- SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006
- SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SUGDEN, John e TOMLINSON, Alan. *FIFA and the contest for the world football: who rules the peoples’ game?*. Cambridge: Polity Press, 1998.
- TEIXEIRA, Francisco Carlos. “Crise da Ditadura Militar e a Abertura Política” In. Delgado, Lucila de Almeida Neves e Ferreira, Jorge (org). *O Brasil Republicano – O tempo da ditadura(o regime militar e os movimentos sociais em fins dos século XX)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- VASCONCELLOS, Douglas Wanderlei. *Esporte, Poder e Relações Internacionais*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2011.

Fontes:
Folha de São Paulo
Jornal do Brasil